

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM LICENCIATURA

LUCAS LAVINA

**HANDEBOL E FUTSAL : POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES
PEDAGÓGICAS**

CRICIÚMA, JULHO DE 2012

LUCAS LAVINA

**HANDEBOL E FUTSAL: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES
PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Física Escolar.

CRICIÚMA, JULHO DE 2012

LUCAS LAVINA

**HANDEBOL E FUTSAL: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES
PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado pela Banca Examinadora para
obtenção do Grau de Licenciado, no
Curso de Educação Física da
Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC, com Linha de Pesquisa em
Educação Física Escolar.

Criciúma, 02 de Julho 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Carlos Augusto Euzébio – Mestre -UNESC – Orientador

Prof. Anelise Arns - (UNESC)

Prof. Iruan Teixeira – (UNESC)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, por ter me guiado e iluminado em cada decisão a ser tomada. Ao orientador prof. Carlos Augusto Euzébio, que com toda paciência e dedicação acompanhou nessa caminhada. A minha família que me apoiou do início até o fim nessa grande jornada e aos amigos, que foram à base de toda a minha formação.

RESUMO

Este trabalho tem como **tema:** handebol e futsal: possíveis articulações pedagógicas. Como **problema:** que possibilidades pedagógicas podemos utilizar na interação handebol/futsal. Como **objetivo geral:** verificar que possibilidades pedagógicas e em que nível de conhecimento podemos atingir a interação handebol/futsal. Como **objetivos específicos:** identificar como está o conhecimento do handebol e do futsal desenvolvendo diferentes métodos de aprendizagem e proporcionando a interação dos mesmos. Para isso fizemos um breve histórico do futsal e do handebol passando pelos conteúdos como: fundamentos, regras, posições, equipamentos, métodos de aprendizagem, fazendo um trabalho sobre a interação desses dois esportes através de uma pesquisa bibliográfica envolvendo livros, artigos e páginas da internet. Conclui-se que ambos os esportes necessitam de alguns requisitos para serem praticados e também necessitam de conhecimentos que devem ser estudados e aprendidos por seus praticantes. Sobre a mídia, esta deixa muito a desejar com relação a esses dois esportes produzindo pouco material de divulgação e não dando muita importância a esportes que possuem uma técnica muito elevada. Entretanto, deveremos seguir a pesquisa nessa mesma linha colocando em prática as atividades sugeridas e descritas nessa pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Futsal, Handebol, Conhecimento, Interação, Escola e Ensino Médio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 EDUCAÇÃO FÍSICA.....	09
3 EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	12
4 FUTSAL	15
4.1 Origem do futsal	15
4.2 Fundamentos do futsal	16
4.3 Sistemas defensivos	18
4.4 Sistemas ofensivos	19
4.5 Regras básicas do futsal	20
4.6 Métodos de aprendizagem do futsal na escola	22
5 HANDEBOL	24
5.1 História e origem do handebol	24
5.2 Fundamentos do handebol.....	25
5.3 Sistemas defensivos	26
5.4 Sistema Ofensivo	28
5.5 Régras básicas do handebol	28
5.6 Métodos de aprendizagem do handebol na escola	31
6 ARTICULAÇÕES PEDAGÓGICAS ENTRE O HANDEBOL E O FUTSAL	35
6.1 Comparando as regras	35
6.1.1 As traves	35
6.1.2 A bola	35
6.1.3 O goleiro.....	36
6.1.4 Pedidos de tempo.....	36
6.1.5 Penalidades	37
6.1.6 Tempo de jogo	38
6.2 Comparando fundamentos do futsal e handebol	39
6.3 Comparando as posições dos jogadores.....	40
6.4 Atividades pedagógicas articulando o futsal e o handebol.....	41
6.5 O debate da mídia: a cobertura da mídia no futsal e no handebol.....	43
CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Optei em fazer o curso de educação física porque sempre gostei de praticar esportes e saber como funciona o meio esportivo, seja ele como prática pedagógica ou rendimento. Era extremamente curioso em saber como funcionavam os músculos e sistemas nas práticas esportivas.

No decorrer do curso, aprendi que a educação física deve integrar o aluno na cultura corporal do movimento, de uma forma completa. Deve transmitir conhecimentos sobre as várias modalidades esportivas, adaptando o conteúdo das aulas a individualidade do aluno.

Sobre a escolha do tema, desenvolvi a idéia durante os estágios realizados dentro do curso de educação física no qual percebi que os esportes mencionados no tema são muito parecidos em seus fundamentos no qual se diversificam apenas alguns quesitos, em que um se pratica com os pés e o outro se pratica com as mãos. Dentre essas semelhanças, resolvi aprofundar esse assunto em forma de trabalho de conclusão de curso escolhendo o tema handebol e futsal: possíveis articulações pedagógicas.

Segundo Voser (2002), o fenômeno esportivo infantil tem sido neste século, motivo de muitos estudos e questionamentos no que diz respeito aos seus ideários como em relação a sua função pedagógica e sócio-cultural. É possível observar a influencia e a participação da escola no processo de adesão do jovem á pratica do esporte e da atividade física, no qual para desenvolver o futsal como conteúdo programático, é fundamental compreender o esporte em sua dimensão mais ampla e critica, buscando conhecimentos em áreas como psicologia do desenvolvimento humano, a pedagogia, a filosofia, a sociologia, dentre outras.

Para Tenroller (2004), o futsal está entre as modalidades de esporte coletivo mais praticadas do Brasil, encontrando assim muitos professores de educação física exercendo funções relativas a ele.

Sobre o Handebol, Knijnik (2009) recomenda que a iniciação ao handebol seja feita em um clima de absoluta ludicidade, tudo deve ser feito para que a criança obtenha um grande prazer por intermédio de sua prática esportiva, compartilhando bons momentos com os amigos enquanto aprende o

handebol, sendo hoje um esporte muito simples de se jogar, mas sempre requer habilidades motoras interligadas, como o andar, correr, saltar, quicar a bola, arremessar, receber, habilidades que já fazem parte do dia-dia dos alunos, tanto por meio dos jogos, como dentro de brincadeiras populares, como, por exemplo, a queimada.

De acordo com Kunz (1994) para que os alunos possam se libertar dessa menoridade e das influencias externas que sofrem, o professor deverá exigir que os alunos lutassem contra a falsa consciência e as ilusões objetivas do esporte. Afinal, compreender o esporte nos seus múltiplos sentidos e significados para nele poder agir com liberdade e autonomia exige, além da capacidade objetiva de saber praticar efetivamente praticar o esporte, ainda, a capacidade de interação social e comunicativa.

A escola atualmente é o principal meio de iniciação para muitos alunos no esporte e em especial o handebol e o futsal, porém é preciso analisar se essas modalidades estão sendo ensinadas nas aulas de educação física de uma maneira educativa e com algum processo metodológico. Na grande maioria das vezes os alunos não têm conhecimento dos fundamentos básicos dos esportes que lhes estão sendo ensinados, exceto poucos alunos dotados de alguma qualificação técnica que já participavam de treinamentos, e conheciam a modalidade.

A escolha do tema dessa pesquisa esta relacionada com a curiosidade de como o handebol e o futsal podem ser ensinados ocorrendo interação entre os dois esportes na parte metodológica e pedagógica desenvolvendo assim o processo de aprendizagem.

Tendo como **tema:** Handebol e futsal: possíveis articulações pedagógicas. Como **problema do trabalho:** Que possibilidades pedagógicas podemos utilizar na interação handebol/futsal. Como **objetivo geral:** Verificar que possibilidades pedagógicas e em que nível de conhecimento podemos atingir a interação handebol/futsal. Como **objetivos específicos:** Identificar como está o conhecimento do handebol e do futsal desenvolvendo diferentes métodos de aprendizagem e proporcionando a interação dos mesmos.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA

No decorrer deste capítulo, fizemos um resgate das tendências e correntes que vem se manifestando na história dessa disciplina no Brasil, oferecendo aos atuais e futuros professores um auxílio para a reflexão crítica de seus fundamentos teóricos e metodológicos.

Segundo Ghiraldello Jr (1988) existe alguns pontos em comum entre as várias concepções de educação física, no qual constitui a insistência na tese de educação física como atividade capaz de garantir a aquisição e manutenção da saúde individual. Com maior ou menor ênfase, as concepções de educação física, não deixam de resgatar versões que, em última instância, estariam presas no lema “mente sã em corpo são”.

Segundo Gil (1994, p169) refere-se à visão de corpo:

Deu-se uma transferência dos poderes do corpo para o espírito: de nada serve ao corpo estar substancialmente unido ao espírito (e, assim, tornar-se vivo e indivisível), é este último que define a sua natureza humana. Doravante, o único defeito do corpo é poder levar a alma a enganar-se.

No caso da **educação física higienista**, a ênfase em relação à questão da saúde está em primeiro plano.

Conforme Ghiraldelli Jr (1988) na perspectiva da educação física higienista é percebida a possibilidade de resolver os problemas da saúde pública através da educação.

A educação física higienista é uma concepção que se preocupa em erigir a educação física como agente de saneamento público, na busca de uma sociedade livre das doenças infecciosas e dos vícios deteriorados da saúde e do caráter do homem.

Fica evidente em Ghiraldelli Jr (1988) a tendência de um pensamento liberal na educação física higienista.

Segundo Ghiraldelli Jr (1988) não se deve confundir **educação física militarista** com a educação física militar. É evidente que a educação física militarista, como a educação física higienista, também está preocupada com a saúde individual e com a saúde de todos. Entretanto, o objetivo fundamental da

educação física militarista é a conquista de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra.

Conforme Ghiraldelli Jr (1988) o papel da educação física militarista é de colaboração no processo de seleção natural, eliminando os mais fragilizados e premiando os mais fortes, no sentido da depuração da raça.

Diferentemente da educação física higienista, que se acredita capaz de perdoar o povo de seu pecado mortal, que é a ignorância, e que o leva as condições de estragar a saúde, a educação física militarista, por sua vez, visa à formação do “cidadão soldado”, de servir de exemplo para o restante da juventude pela sua bravura e coragem.

Segundo Ghiraldelli Jr (1998) a educação física militarista, conforme com os princípios autoritários de orientação fascista, destacava o papel da educação física e do desporto na formação do homem cumpridor e treinado.

Segundo Courtine (1995, p 99) a emergência do desporto ocorreu:

Sobre o pano de fundo de um individualismo disciplinado, exigindo auto-sacrifício e devotamento a uma causa comum. A ética puritana do trabalho tinha se infiltrado profundamente nas práticas esportivas, como se a utilidade social dessas práticas devesse ser julgada apenas de acordo com seus critérios. Entretanto, no final do século XIX, esta lógica de organização racional e de ordem moral já estava em declínio. Durante as primeiras décadas deste século, ela foi sendo progressivamente substituída por uma concepção um tanto diferente das finalidades da cultura física. O espírito de competição, o desejo de vencer tinham, mais ainda que no passado, sido investidos pelo esporte, ao mesmo tempo que invadiam o sentimento de que se podia legitimamente buscar no exercício ,muscular uma gratificação pessoal e um prazer do corpo. Um cuidado com o bem - estar individual aparece nas críticas da ética puritana formuladas desde então. Reprova-se esta ética por investir a totalidade da energia do indivíduo americano em fins puramente utilitaristas por exprimir e mesmo reforçar um medo do prazer.

Segundo Ghiraldelli Jr (1988) tanto a educação física higienista como a educação física militarista não colocam como um problema da educação física ser uma atividade prioritariamente educativa, ou seja, ser ela uma disciplina comum aos currículos escolares. A **educação física pedagogicista** é a concepção que vai exigir da sociedade a necessidade de afrontar a educação física não somente como uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar

os mais jovens, mas de encarar a educação física como uma prática eminentemente educativa.

Conforme Ghiraldelli Jr (1988) é ela que colabora decisivamente para que a juventude venha a “melhorar sua saúde, adquirir hábitos fundamentais, preparo vocacional e racionalização do uso das horas de lazer”.

Essa concepção inaugura formas de pensamento que, aos poucos, alteram a prática da educação física e a postura do professor. Essas novas formas de pensamento vão instaurar uma apologia da educação física enquanto “centro vivo” da escola pública responsável por todas as particularidades “educativas” das quais as outras disciplinas, as “instrutivas”, não poderão cuidar.

Conforme Ghiraldelli Jr (1988, p20.) “como a educação física militarista, a **educação física competitivista** também está a serviço de uma hierarquização e elitização social”. Para o autor essa concepção restringe a educação física ao desporto de alto nível.

A educação física competitivista apesar de ser negada é:

Um aríete das classes dirigentes na tarefa de desmobilização da organização popular, fazendo parte como as outras concepções que precederam esta exposição, daquilo que podemos chamar de arcabouço da ideologia dominante. (GUIRALDELLI JR, 1998,20)

Segundo Ghiraldelli Jr (1988) ao contrário das concepções antes citadas, a educação física popular não possui uma produção teórica (livros, periódicos, teses etc.) de fácil acesso. Podemos dizer com certo cuidado, que a educação física popular se mantém em pé quase que somente na teoria transmitida oralmente entre as gerações de trabalhadores deste país.

A educação física popular não está preocupada com a saúde do povo, pois compreende que tal situação não pode ser discutida independentemente do levantamento do problema forjado pela atual organização econômico-social e política. Também não se pretende disciplinadora de homens e muito menos está voltada para o incentivo da busca de medalhas sendo assim antes de tudo ludicidade e cooperação.

3 EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Segundo Gonçalves (1997) a educação é um processo que está presente na formação do homem, assim, contribuindo com a sociedade humana e sendo inerente ao homem como ser social e histórico. Sua existência está fundamentada na necessidade de produzir gerações mais novas, transmitindo-lhes suas informações, valores e crenças dando-lhes possibilidades para novas efetivações. O próprio conceito de Educação está sujeito a um evoluir histórico, conforme o modo de existir e de pensar das diferentes épocas.

A educação física como integrante da escolarização básica, na qual o ensino médio encontra-se inserido, aparece contemplada na atual estrutura curricular da educação brasileira, na área de linguagens e códigos e suas tecnologias.

Conforme Gonçalves (1997) ao longo de toda uma história, a educação física tanto como a educação, representou diferentes papéis, no qual, adquiriu diferentes significados, sendo utilizada, muitas vezes, como instrumento do poder.

Na LDB a educação física é inserida na proposta pedagógica da escola, sendo componente curricular da educação, ajustando-se as faixas etárias e as condições da população escolar, sendo opcional nos cursos noturnos.

Segundo Gonçalves (1997) as práticas pedagógicas aceitas pela educação física são conseqüentes do processo histórico que esta disciplina passou para se firmar como componente curricular. No ensino médio, as práticas pedagógicas mais focadas nas aulas de educação física, ainda são aquelas em que a aptidão física e o rendimento são enaltecidos através de grande utilização do ensino do esporte. O professor acaba valorizando o aluno através do rendimento e obtendo suas avaliações na qual privilegia aqueles alunos que possuem melhores aptidões esportivas, colaborando com a competição e a formação de grupos ocasionando a perda dos princípios educacionais. A educação física acaba sendo uma forma de treinamento ou adestramento do movimento corporal, em que a principal função é formar o aluno capaz de realizar o gesto desportivo com o maior rendimento possível.

Afirma Gonçalves (1997, p135) que:

Na sociedade brasileira, por exemplo, a Educação Física escolar assumiu funções com tendências militaristas, higienistas, de biologização e de psicopedagogização, tendências ligadas a momentos históricos e que, ainda hoje permeiam sua prática.

Gonçalves (1997) destaca algumas concepções que considera ser mais importantes: aptidão física e saúde renovada, educação física plural, crítico superadora e a crítico emancipatória.

Conforme Gonçalves (1997) tratando da concepção aptidão física e saúde renovada cita que seus principais representantes são Markus Nahas e Dargagnam e tem por base a filosofia. Esta concepção estuda os conceitos e princípios teóricos que possam proporcionar subsídios aos escolares, no sentido de tomarem decisões quanto à adoção de hábitos saudáveis de atividades físicas ao longo da vida. Portanto, o objetivo da educação física deve ser ensinar os conceitos básicos da relação entre atividade física, aptidão física e saúde.

Sobre a Concepção educação física plural Gonçalves (1997) cita Daólio como principal representante e tem por base a antropologia social. Esta concepção encara o movimento humano definindo-o como características de determinado grupo social; considera todo gesto sendo uma técnica corporal por ser uma técnica cultural. Procura fazer com que as diferenças entre os alunos sejam percebidas, e seus movimentos, expressões frutos de sua história de corpo, sejam valorizados independente do modelo considerado “certo” ou “errado”.

Por sua vez, Gonçalves (1997) destaca a Concepção crítico superadora como tendo base a sociologia e a política servida de seus representantes um coletivo de autores: Valter Bracht, Lino Castellani Filho, Michele Ortega Escobar, Carmen Lúcia Soares, Celli Taffarel e Elizabeth Varjan.

Possui um embasamento no discurso da justiça social no contexto da sua prática, onde se busca levantar questões de poder, interesse e contestação, fazendo-se uma leitura a luz da crítica social dos conteúdos. Ao professor cabe o papel de orientar a leitura da realidade e, onde o aluno, de forma crítica, pode constatar interpretar, compreender e explicar a mesma. Esta concepção pode ser tida como uma reflexão pedagógica e desempenha um papel político

pedagógico, porque encaminha propostas de intervenção em determinada direção e possibilita uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade.

A educação física por sua vez é entendida como uma disciplina que trata do jogo, da ginástica, do esporte, da dança, a capoeira e de outras temáticas como sendo um conhecimento da cultura corporal de movimento, e esta cultura corporal compreendida como o conjunto de atividades culturalmente produzidas pelo homem e historicamente situadas.

Conforme Darido (1999) a concepção crítico-superadora baseia-se no marxismo e no neomarxismo, recebendo na Educação Física a influência de educadores como Saviani e Libaneo.

Segundo Darido (1999) esta proposta levanta não somente a questão de como se pode ensinar, mas sim, de como se pode adquirir o conhecimento, possibilitando assim a compreensão do aluno.

Na Concepção crítico emancipatória Gonçalves (1997) cita Elenor Kunz como principal referência tendo por base à sociologia e a filosofia. Esta concepção está centrada na possibilidade de ensinar os esportes pela sua transformação didático-pedagógica, de tal modo que a educação contribua para a reflexão crítica e emancipatória das crianças e jovens. É pelo questionamento crítico que se chega a compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade que formam as convicções, interesses e desejos.

Esta concepção pretende o resgate da linguagem do movimento humano, que é o objeto central do trabalho pedagógico da educação física escolar, como forma de expressão de entendimento do mundo social.

Segundo Darido (1999) esta abordagem tem papel primordial na parte comunicativa no qual o aluno aprende através das transcendências de limites, portanto, o aluno descobre através dele mesmo a melhor maneira de aprendizagem. Logo após esse passo o próprio aluno deverá expor através de cenas ou linguagem o que aprendeu, e por último esses alunos devem questionar sobre o que aprenderam com a finalidade de entender realmente como funciona a aprendizagem.

Conforme Kunz (1994) a concepção crítico-emancipatória através de sua fundamentação quer trazer novos valores pedagógicos para a educação física e assim auxiliar na difícil tarefa de legitimá-la enquanto prática pedagógica que contribui na formação de uma cidadania.

4 FUTSAL

No decorrer deste capítulo, fizemos um resgate histórico do futsal, desde seu início, quando chegou ao Brasil, seus fundamentos, suas metodologias, suas regras comparando seus métodos de aprendizagem.

4.1 Origem do futsal

Segundo Tenroller (2004, p19) temos na literatura específica sobre futsal algumas respostas que não são definitivas e, ainda, não são consensuais. Isto é, alguns estudiosos afirmam que o futsal (ou futebol de salão) tem sua origem no Brasil, porém há outros que dizem que esse esporte nasceu no vizinho Uruguai.

Teixeira Júnior (1996) e Figueiredo (1996) defendem que o futsal surgiu no Brasil, enquanto os estudiosos Zilles (1987), Apolo (1995) e Lucena (1994) atribuem tal origem ao Uruguai.

Conforme Tenroller (2004, p19) ao tentarmos identificar os fatos que corroboram a teoria desses três últimos professores, encontramos elementos que nos podem fazer acreditar nela. Nos anos de 1924 a 1928, a seleção uruguaia de futebol de campo sagrou-se bicampeã olímpica, e logo em seguida, em 1930, aconteceu o primeiro campeonato mundial de futebol de campo. E quem foi campeão? Novamente o Uruguai. Diante dessas três conquistas internacionais, aconteceu um verdadeiro fenômeno: os uruguaios ficaram extremamente apaixonados pelo futebol e o praticavam por todos os cantos do país. Essa paixão fez com que os espaços dos salões de baile fossem os lugares escolhidos para a prática do esporte, que pouco tempo depois, com adaptações, fez-se denominar de *indoor-foot-ball*, que corresponderia a futebol de salão.

Segundo Tenroller (2004, p20) é atribuído ao uruguaio Juan Carlos Ceriani, da ACM de Montevideu, a elaboração das primeiras regras de futsal, em 1933. As idéias essencialmente partiram do futebol de campo, de onde muitos fundamentos técnicos foram empregados como modelos na nova modali-

dade. Do basquete, aproveitou-se o tamanho da quadra; do pólo aquático, a regulamentação do goleiro, e do handebol, a trave e a área.

O futsal é considerado:

Por muitas pessoas como genuinamente brasileiro. Mas por que será? As referências de estudos encontrados nos levam a crer, conforme supramencionado, que sua origem é uruguaia. Na verdade, o motivo que leva a essa dúvida ocorre porque no Brasil a difusão do futsal ocorreu de forma rápida, principalmente a partir da ACM de São Paulo. Quando alguns brasileiros fizeram-se presentes na ACM do Uruguai, eles retornaram para trazer as primeiras regras lá organizadas por Ceriani. (TENROLLER, 2004, 20)

Segundo Tenroller (2004, p20) a prática dessa modalidade em nosso país começou a partir de meados de 1940 e não mais parou de crescer. Há estudos mencionando que em 1942 o futebol de salão, que antes era praticado pelas crianças já contava com muitos adeptos entre os adultos.

No Brasil, há referências de que, em setembro de 1936, Roger Grain tenha publicado, de modo oficial, o primeiro livro de regras, “Normas e regulamentos de futebol de salão”, divulgado na revista *Educação Physica*, que existia naquela época. Há um texto da década de 50 que identifica a ACM paulista como a principal divulgadora do futebol de salão.

4.2 Fundamentos do futsal

Voser (2002, p.43) “define técnica como sendo todo gesto ou movimento realizado pelo atleta que lhe permite dar continuidade e desenvolvimento ao jogo”. A seguir veremos estas técnicas do futsal que são o passe, domínio, condução, chute, drible, finta, marcação e cabeceio detalhadas de forma que possamos compreendê-las quanto a suas funções e objetivos.

Segundo Tenroller (2004, p.66) “passe é a ação de interligar-se com os integrantes de uma equipe”. É o fundamento técnico mais importante. Acontece por muitas vezes num jogo, mais que qualquer outro fundamento. Além da sequência possível ao jogo, tem efeito psicológico muito interessante e rico, pois aquele que recebe a bola poderá sentir-se integrante da equipe. Em iniciantes ou escolas de séries iniciais, deverá ser dada ênfase a esse gesto. Sem o passe o jogo não acontece.

Conforme Tenroller (2004, p.66)

o domínio é a ação que ocorre a partir do recebimento da bola, muitas vezes entregue por um companheiro de equipe, em mantê-la sob controle e, assim, poder realizar movimentos técnicos a fim de dar seqüência a jogada.

Essa ação poderá ser feita com qualquer parte do corpo, exceto com aquelas não permitidas pela regra.

Nas praticas de ensino do futsal, é interessante que seja ofertada a maior variação de tipos, espaços, peso, volumes e tamanhos de bola, a fim de aumentar as informações do acervo motor através do estímulo da propriocepção dos educando. (TENROLLER, 2004, p.66, 67).

Condução segundo Tenroller (2004, p.67) é o movimento de levar a bola próximo aos pés, de maneira que ela esteja sempre ao alcance do condutor, que assim poderá agir prontamente, quer seja caminhando ou em velocidade. Uma condução com habilidade apurada requer ampla percepção espacial. Isso permite ao executante perceber um colega de equipe bem posicionado para receber a bola.

Chute é a ação de golpear a bola parada ou em movimento visando desviá-la ou dar-lhe trajetória. É um fundamento que precede o gol. (TENROLLER, 2004, p.67).

Segundo Tenroller (2004, p.68) o drible trata-se de uma serie de movimentos e ações que culmina com a superação do adversário e a seqüência da jogada com a posse de bola. A principal diferença entre o drible e a finta reside no fato de que no primeiro há o controle da bola, enquanto no segundo a bola não está presente.

Finta segundo Tenroller (2004, p.68, 69) é uma ação de inteligência motora e cognitiva que ocorre no espaço e no tempo apropriados. Seu objetivo maior é o de levar o adversário a pensar que quem faz a finta irá para um lugar quando este vai para outro. Esse deslocamento ocorre sem a bola justamente para que se possa, na maioria das vezes, recebê-la em situação privilegiada, ou seja, sem a pressão do adversário.

Sobre marcação:

é a ação de evitar que o adversário receba a bola ou, quando este a possui, impedir ou dificultar suas ações técnicas de condução, passe, chute ou drible. Há a possibilidade de essa ação acontecer de modo individual quando um jogador ficar sempre muito próximo do adversário. Essa é a denominada marcação homem a homem ou individual. Outro modo de execução dá-se por zona. Este consiste em impedir o êxito da equipe adversária controlando suas ações em determinados espaços da quadra. (TENROLLER, 2004, p.69).

Segundo Tenroller (2004, p.69, 70)

o cabeceio é a ação de golpear a bola com a cabeça. Dependendo do lugar da cabeça onde ocorre o contato com a bola, esta ganhará maior ou menor velocidade ou direção. Há vários tipos de cabeceio. O cabeceio poderá ter propósito defensivo quando usado para afastar a bola da zona de defesa. Há o cabeceio de passe, que ocorre quando a bola é impulsionada até um colega de equipe. Mas o cabeceio mais conhecido popularmente é o que resulta na consecução do gol. É importante a quem executa o cabeceio fazê-lo com a boca fechada, a fim de evitar morder a língua. Também deve se possível, cabecear com os olhos abertos para que possa ver antes e depois a trajetória da bola e se o alvo será ou não atingido.

4.3 Sistemas defensivos

Mussalem (1978) define a marcação como o modo pelo qual a equipe se dispõe na quadra de jogo para impedir que o adversário chegue a seu gol.

Conforme Zilles (1987) a ação de marcar é vista de três maneiras: marcação homem a homem (ou individual), marcação por zona e marcação mista. No primeiro tipo, não há a preocupação com a bola, mas deve-se dar ênfase a um adversário especificamente. Deverá ser designado um jogador para cada adversário com a função de tirar a liberdade de movimento da outra equipe, impedir-lhe o recebimento da bola ou fazer com que a perca.

Entre as vantagens desse tipo de marcação, conforme Zilles (1987) estão: assimilação fácil pelo grupo, adaptação a qualquer tática que o adversário usar, estímulo ao desenvolvimento das aptidões do atleta. Além disso, trata-se do único sistema de jogo conveniente para o uso em final de partida se o adversário estiver vencendo. Podem-se levar em conta as capacidades físicas e técnicas de cada jogador, e cada jogador é responsável por um adversário.

Quanto a marcação por zona, os jogadores devem ter atenção dirigida a bola, e cada defensor muda de posição, passando a vigiar ou marcar um outro setor defensivo. Em relação à marcação mista, trata-se de combinação das duas anteriormente citadas.

Segundo Apolo (1995) em consequência de o espaço de jogo do futsal ser bastante reduzido, a marcação ocorre de maneira constante, o que leva os salonistas a dizerem que “uma boa defesa é o melhor ataque”. Quanto ao tipo de marcação por zona, para esse estudioso não funciona muito no futsal de alto nível, porém, como trata-se como um meio de educar, para aqueles jogadores mais lentos se enquadra muito bem esse tipo de marcação.

4.4 Sistemas ofensivos

Conforme Teixeira Júnior (1996) existe quatro origens dos sistemas ofensivos como o 2x2, 1x2x1, 3x1 e 2x1x1, sendo que os demais são as variações destes citados. Entra as variações, encontramos 1x3, rodízio de 3 e o rodízio de 4, que são originários do 3x1. Mais recentemente, principalmente em consequência das alterações das regras, o goleiro passa a ter uma função ofensiva e a fazer parte do mais novo sistema, o 5x0.

Segundo Vieira (1987), atualmente há apenas o sistema em que todos os atletas atacam e defendem. Os demais sistemas, consoante esse autor, ocasionam confusão porque todos os jogadores são distribuídos em quadra para marcação 4x4, de grande movimentação, o que faz com que por várias vezes o fixo posicione-se em frente do pivô.

Conforme Mussalem (1978) no sistema 2x2 dois elementos eram posicionados na sua quadra, enquanto que outros dois ficavam na quadra adversária. O deslocamento era lateral, dificilmente longitudinal, o que, em tempos menos remotos, se tornou superado. Já para Lucena (1994) este sistema é o pioneiro entre os sistemas. Consiste em posicionar dois alunos na meia quadra defensiva e outros dois na meia quadra ofensiva, onde podem acontecer manobras articuladas com o goleiro, os alas ou o fixo, na tentativa de ligar a defesa ao ataque, acionando o pivô ou o ala em posição ofensiva.

Zilles (1987) caracteriza o sistema 2x1x1 como uma variação do 2x2 e diz inclusive que o 1x1x2 também é oriundo do mesmo sistema. Fala que o

primeiro é uma variação ofensiva, enquanto o segundo seria uma variação defensiva.

Segundo Teixeira Júnior (1996) no sistema 1x2x1 o fixo não ultrapassa o meio da quadra, e os alas deslocam-se pelos flancos da quadra, às vezes atacando, às vezes defendendo, e o pivô tem a função exclusiva de atacar. Já para Voser (2001) esse sistema é um dos mais antigos, de pouca movimentação ofensiva e parecido com o 3x1. Diz que consiste em ter um fixo e o pivô parados e dois alas que tenham a função de defender e atacar.

Conforme Mussalem (1978) o sistema 3x1 é usado por equipes de alto nível técnico e físico que vêem como maior vantagem a saída rápida por consequência do maior numero de atletas na sua meia quadra.

Segundo Zacouteguy (s/d) o sistema 1x3 é muito arriscado. O último jogador tem grande responsabilidade. Isso se deve ao posicionamento adotado pelos outros três atletas, que ficam a frente. O goleiro deverá jogar adiantado para dar cobertura a esse último jogador que, segundo Zacouteguy (s/d) deverá ser o mais habilidoso.

Para Voser (2001) o sistema 5x0 é uma variação dos sistemas 3x2 e 1x2x2. A partir do 2x2, soma-se o goleiro na organização das jogadas, com o propósito de desgastar o adversário através de um bom toque de bola. Este sistema é o mais recente que existe no Brasil. Foi criado como consequência das últimas mudanças ocorridas no livro de regras do ano de 2000 da FIFA.

4.5 Regras básicas do futsal

Segundo Tenroller (2004) sabe-se que em qualquer modalidade esportiva existe uma serie de regras. No caso do futsal, não é diferente. No livro de regras dessa modalidade, elas estão organizadas por ordem numérica, da seguinte maneira:

Regra 1: Quadra de jogo;

Regra 2: A bola;

Regra 3: Número e substituição de atletas;

Regra 4: Equipamentos;

Regra 5: Árbitro principal;

- Regra 6: Árbitro auxiliar;
- Regra 7: Cronometrista e anotador;
- Regra 8: Duração da partida;
- Regra 9: Bola de saída;
- Regra 10: Bola em jogo e fora de jogo;
- Regra 11: Contagens de tentos;
- Regra 12: Faltas e incorreções;
- Regra 13: Tiros livres;
- Regra 14: Faltas acumulativas;
- Regra 15: Penalidade máxima;
- Regra 16: Arremesso lateral;
- Regra 17: Arremesso de meta;
- Regra 18: Arremesso de canto;
- Anexo I: Lei da vantagem;
- Anexo II: Decisão por penalidades máximas;
- Anexo III: Das apenações;

Sem ter a pretensão de aprofundamento em todos os itens das regras, eis algumas indispensáveis para que haja a prática e execução do jogo de futsal de modo básico:

Regra 8 – O tempo de duração de uma partida oficial de futsal (adulto, juvenil e infanto-juvenil) é de 40 minutos cronometrados e divididos em 2 períodos de 20 minutos, com intervalo de 10 minutos para descanso.

Regra 3 – Cada equipe, para poder iniciar uma partida oficial, terá de estar em quadra com cinco atletas; é obrigatório que um destes seja o goleiro.

Regra 12 – As infrações são classificadas em: pessoal, técnica e disciplinar.

Regra 12 – Será excluído da partida qualquer atleta que, durante o jogo, cometer cinco faltas técnicas e/ou pessoais que forem devidamente anotadas na súmula.

Regra 12 – Há dois tipos de cartões no futsal: o amarelo (advertência) e o vermelho (expulsão).

Regras 16 e 18 – Laterais e escanteios devem ser cobrados com o uso dos pés, e a bola precisa ser posicionada sobre a linha limítrofe. Compete ao adversário respeitar a distância de três metros da bola.

Regra 12 – A partir da sexta falta, a equipe que sofreu poderá optar por cobrá-la da marca de 10 metros ou do local onde houve a infração.

Regra 3 – Durante a partida, cada equipe poderá realizar ilimitadas substituições, sem precisar parar o jogo, inclusive diante da troca de goleiro.

Regra Anexo III – “Apenações” – A partida será encerrada quando uma das equipes ficar reduzida a dois jogadores.

Regra 4 – O goleiro deverá usar uniforme de cor diferente dos outros atletas.

Conforme Tenroller (2004) as regras a cima citadas compõem o jogo de futsal fazendo com que esse esporte seja reconhecido mundialmente.

4.6 Métodos de aprendizagem do futsal na escola

Segundo Canfield (1981), métodos de ensino sugerem formas organizadas e sistemáticas de, cientificamente, criar ambientes de aprendizagem que eficientemente conduzem a resultados favoráveis. Com isso encontramos o **método parcial ou analítico** que para Xavier (1986), esse método consiste em ensinar destrezas motoras por partes para, depois, uni-las. Seria ensinar passo a passo como se faz o fundamento desde a parte do posicionamento do corpo até a própria execução. O **método global ou método complexo** que segundo Xavier (1986) consiste em ensinar uma destreza motora apresentando o seu conjunto. Este método deverá ser ensinado sem a intervenção inicial do professor. Isto é, primeiramente haverá a execução do gesto de modo completo e, se for necessário, o responsável pela aula contribuirá nas próximas repetições desse fundamento. O **método misto** no qual para Xavier (1986), esse método consiste na sincronia dos métodos global-parcial-global. Primeiramente, acontece a execução do gesto como um todo; em seguida, o gesto é parcializado com o objetivo de proceder a “correções” do movimento ou dos movimentos. Finalmente volta-se a prática completa dos movimentos. Trata-se de uma metodologia bastante rica, sob o ponto de vista didático, com mais fatores positivos do que negativos. Posteriormente o **método global em forma de jogo ou método de confrontação** que para entendermos esse método, basta que haja

a prática do desporto ou da modalidade como um todo, em que acontecem todos os fundamentos.

Conforme Dietrich (1988), o método da confrontação ocorre sob o lema de “jogar, jogar, jogar!”. O **método em série de jogos** no qual a idéia, ao adotar esse método, basicamente é que “jogando, aprende-se, antes de tudo, através dos próprios jogos”. Esse é um método que pode ser compreendido mais facilmente. Para pô-lo em ação. Pode-se, por exemplo, estabelecer que nas séries de jogos serão feitos pequenos jogos em determinados espaços de tempo no qual cada tempo e jogo será ensinado um fundamento. Esse método é muito indicado para aqueles professores que tem a árdua função de fazer o “peneirão”. (TENROLLER, 2004, p.54). O **método recreativo** sem dúvida, esse é o método, se não o mais em voga na atualidade, o mais popular adotado na iniciação do futsal. Esse método utiliza das brincadeiras e jogos lúdicos para o ensinamento dos fundamentos. É possível que os elementos técnicos ou táticos, abordados de uma maneira lúdica, ou seja, recreativa, propiciem ao docente um melhor aprendizado do desporto. Já no alto nível, o seu efeito “antiestressante” é muito valorizado. (TENROLLER, 2004, p.54,55). O **método Transfert** no qual segundo Tenroller (2004) este método foi proposto por Bayer (1994) na Europa com jogadores de handebol. Adotando-o poderemos trabalhar mais de uma modalidade esportiva na mesma atividade, associando-se gestos técnicos desses esportes. É um excelente meio para estimular nos alunos as percepções de espaço, a inteligência para outros elementos presentes num contexto durante o jogo. O **método da cooperação-oposição** no qual conforme Tenroller (2004) as noções de companheiro e de adversário são básicas para o ensino e para o entendimento da estrutura funcional do jogo. Assim deve-se dar ênfase aos valores de cooperação entre os praticantes que, para acontecer o jogo ou a competição, precisam do adversário, e este deverá ser visto como um “cooperador”.

Esse método, assim, enfatiza o significado do jogar “com” em detrimento do jogar “contra”. Esse método pode fazer o professor ganhar ou perder muitos alunos.

5 HANDEBOL

No decorrer deste capítulo, fizemos um resgate histórico do handebol, desde seu início, quando chegou ao Brasil, seus fundamentos, suas metodologias, comparando seus métodos de aprendizagem.

5.1 História e origem do handebol

Segundo Tenroller (2008) [...] ao falarmos sobre a sua origem ou sua história, assim como qualquer área que tenha mais de um século de existência, como é o caso do Handebol, implica encontrarmos versões com diferenças bastante significativas nos mais diferentes aspectos da modalidade [...]

O handebol passou por várias modificações até ser jogado como é hoje, e é conhecido como uma das modalidades mais antigas. Era um jogo em que a bola era jogada com as mãos e o objetivo era ultrapassar o adversário através de passes.

Conforme Tenroller (2008) [...] a partir do ano de 1848, no instituto de Ortrup, o jogo, naquela época, denominado Haandbold. Naquele mesmo período outro jogo era praticado pelos tchecos, porém estes davam a denominação de Azena a este esporte, que de forma similar era praticado na Irlanda e no Uruguai.

E na idade média os cavaleiros jogavam um jogo com bola que o objetivo também ultrapassar os oponentes através de passes e metas isso foi descrito por Walther von der Vogelwilde que colocou o nome desse jogo de “jogo de pegar a bola” que também é o Handebol que é jogado hoje.

[...] temos registros de que foi feito em 1919, pelo professor de Educação Física e marinheiro, o alemão Karl Schelenz, que passou a denominar este esporte de Handebol através de publicações de regras em que onze jogadores disputavam em um campo de futebol este jogo com uso das mãos. (TENROLLER, 2008, p.19).

O Handebol de Campo em 1936 foi incluído nos jogos olímpicos de Berlim, era jogado em um campo de futebol enfrentando frio, chuva e neve onde pensaram em passar para lugares cobertos.

Segundo Knijnik (2009) tudo indica que o handebol de campo pisou cedo em terras brasileiras, na década de 1930, trazido por imigrantes judeus e alemães.

O handebol chegou ao Brasil mais precisamente em São Paulo, e em 1954 oficializou o handebol de quadra em que nesse mesmo ano teve o primeiro torneio da modalidade que foi montada uma quadra 40x20, a partir daí a Confederação Brasileira se interessou pela modalidade e passou a ser divulgada por todo o país.

Knijnik (2009) afirma que em 1965, o Comitê Olímpico Internacional aprovou a disputa do handebol de quadra – nos jogos de 1972, em Munique. As mulheres começaram a disputar nos jogos Olímpicos de 1976, de Montreal.

Essa modalidade foi crescendo tanto no Brasil quanto no resto dos países, e está como hoje sendo disputada mundialmente. E conforme a I.H.T. Internacional Handball Federation dados divulgados na internet no ano de 2000 existem, no mundo, 17 milhões de praticantes de Handebol entre o sexo feminino e o masculino, sendo que estão filiados a esta Federação 180 países e 200mil equipes, e tendo como atual campeão Olímpica de 2008 em Pequim no naipe feminino Noruega e no naipe masculino França.

5.2 Fundamentos do handebol

É o gesto ou movimento que deverá ser realizado pelo praticante, atleta ou aluno, cujo objetivo é o de permitir dar continuidade e desenvolvimento ao jogo. (VOSER apud TENROLLER, 2008, p.65).

Passe, recepção, finta, drible, arremesso, progressão esses são os gestos usados no handebol que podemos também chamá-los de fundamentos, onde cada um deles tem sua função, objetivos.

Segundo Tenroller (2008, p.65) é a ação de entregar a bola ao colega ou companheiro de equipe. Trata-se de uma ação técnica de extrema importância. E o fundamento mais importante do Handebol sob o ponto de vista de que é a partir de passes corretos que acontecerão os demais fundamentos, e tem a função de unir a equipe. Com esse fundamento um aluno pode se sentir aceito, pois ele se sente bem quando recebe um passe mais ao mesmo tempo se sentira rejeitado caso não receba a bola. Tendo como objetivo dar seqüên-

cia ao jogo, progressão, preparação ao ataque ou contra-ataque, sendo um dos fundamentos que precede ao arremesso.

Recepção é o ato de receber e controlar ou dominar a bola. Poderá ser feita com uma ou com as duas mãos, em movimento ou parado. (Tenroller, 2008, p.66). Tendo como objetivo dar continuidade ao jogo.

Arremesso segundo Tenroller (2008, p.67) é a ação de impulsionar a bola em direção ao gol. Este é o objetivo máximo do jogo de Handebol. Sempre os demais fundamentos serão os que estarão em direção a este fundamento. Seu objetivo é fazer o gol.

A progressão segundo Tenroller, (2008, p.68), é a ação individual ou coletiva (2x2, 3x3 ou todos da equipe) de progredir com a bola. O objetivo é dar o ritmo ao jogo com propósito de ataques ou contra-ataque.

É o ato de superar o adversário com a posse de bola, tanto no ataque como na defesa. Sua prática se dá a partir do controle da bola com sucessivos quiques da bola ao solo. (TENROLLER, 2008, p.68). Objetivo do drible é superar o adversário e assim conseguir melhor posição para o arremesso, o passe ou a progressão.

A finta segundo Tenroller (2008, p.69) é a ação consciente de ludibriar o adversário com ou sem a posse de bola. Esse fundamento tem como finalidade ludibriar o adversário com o propósito de conseguir espaço para arremessar, passar ou dar seqüência a jogada.

Esses são os fundamentos que são utilizados para que o jogo de handebol alcance com mais facilidade seu objetivo, tendo diversos métodos que podem ser aplicados para o aprendizado do mesmo.

5.3 Sistemas defensivos

Segundo Tenroller (2008, p.94) Cada sistema defensivo possui: Objetivos e aplicabilidade, vantagens e desvantagens, em conformidade a uma série de variáveis bastante complexas que vão desde cada característica do jogador até a opção técnico-tática adotada pelo técnico ou comissão técnica.

Segundo Simões (2002, p.179) Em todos ou em quase todos os sistemas defensivos existem dois tipos de critérios empregados na definição ou no reconhecimento de um jogo defensivo continuado: os que definem a função

de cada um dos defensores e os que definem se o sistema vai ganhar em largura e profundidade.

Em uma visão geral de desvantagens e vantagens Tenroller (2008, p.94) mostra quais são elas. “Os sistemas 3+2+1, 3+3, 4+2 e 2+4 têm sua aplicabilidade indicada diante de adversários que não tenham bons arremessadores dos 6 metros, pivôs ou pontas. Têm como vantagem dificultar os arremessos de longa distancia, bem como a organização de jogada do adversário na zona de 9 metros.”

E aos sistemas defensivos 5+1, 6+0 e 1+5 têm como principais vantagens sua fácil execução, boa proteção à área, dificultam as infiltração do ataque adversário e são de fácil organização para o contra-ataque. Entre as desvantagens estão às possibilidades de arremessos de media e longa distância, interceptações de difícil execução e contra-ataque lento. Podem ser aplicados contra equipes com facilidade de infiltração, principalmente o 6+0 e o jogador nos 6 metros. (TENROLLER, 2008, p.94)

Cada sistema tem um mecanismo funcional onde o 6:0 funciona onde “cada defensor tem uma responsabilidade em cobrir uma zona espacial. Velocidade e marcação por aproximação se enquadram nesse mecanismo, como os defensores participando em movimentos de saídas e retornos rápidos.” (SIMÕES, 2002, p.180)

O 5:1 já se tem outro mecanismo funcional ele se divide em duas linhas, uma na linha dos 6 metros e a outra na linha dos 9 metros, [...] “é composto por cinco defensores que atuam na primeira linha defensiva e um com um posicionado mais avançado [...] (SIMÕES, 2002, p.200)”.

Falando agora do sistema 3:2:1, pode-se dizer que é um sistema que se divide em 3 linhas, e [...] “é aceito sem muitas restrições por aqueles atletas que se consideram bons marcadores. Existe todo um consenso de que o defensor deve ser dinâmico em seu posicionamento para poder intervir corretamente, já que a tendência da maioria deles é a de se agrupar e se preocupar somente com o atacante com posse de bola”[...] (SIMÕES, 2002, p. 214)

No 4:2 é um sistema dividido por duas linhas onde existem dois jogadores avançado e [...] os dois defensores avançados são os responsáveis pela construção do primeiro “bloco defensivo”, com o intuito de impor um posicionamento que dificulte de forma considerável os arremessos de longa distan-

cia, especialmente dos armadores direito e esquerdo” [...] (SIMÕES, 2002, p.230)

Já no 3:3 é um sistema q se divide em duas linhas uma em cima da linha dos 9 metros e a outra em cima da linha dos 6 metros e “A marcação enquanto movimentos defensivos bem definidos no mecanismo funcional do sistema, fazendo referencia ao fato de os defensores da primeira linha defensiva não avancarem para a segunda linha, de seus deslocamentos serem mais laterais.

5.4 Sistema ofensivo

O sistema defensivo já conseguimos observar que tem suas vantagens e desvantagens, nada diferente o sistema ofensivo também tem vantagens e desvantagens.

Tem como objetivo conseguir vantagem numérica a partir da rápida circulação (passes) em toda a largura da defesa, com cada jogador ocupando a sua posição característica. As extremas devem ficar junto às linhas limítrofes laterais para evitar congestionamento no centro da defesa, facilitando, assim a possibilidade da ocorrência da superioridade numérica. Exemplos deste sistema: 3+3 (2 pontas, 3 armadores e 1 pivô) e 2+4 (2 pontas, 2 armadores e 2 pivôs). (TENROLLER, 2008 p.97)

Como citado à cima algumas posições dos jogadores de handebol podemos dizer que “as posições dos jogadores de Handebol são: o goleiro, o armador central, armador direito, armador esquerdo (ou meias), o pivô e os extremas direita e esquerda, que podem ser denominados de pontas”. (TENROLLER, 2008, p.85)

5.5 Regras básicas do handebol

Ao tema relacionado às regras de handebol terão como base de sustentação teórica o livro de regras da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) edição 1º de Agosto de 2010.

Área do gol

Fica entre a linha de fundo e a linha de 6m. Somente o goleiro pode permanecer na área de gol. O atacante que penetra essa área é castigado com um tiro livre; se for propositadamente e não tiver a posse da bola, será dado tiro livre. O jogador que invadir a área de gol, depois de ter lançado a bola, não está sujeito a qualquer punição, desde que isso não resulte em prejuízo para a ação do adversário.

Goleiro/ Gol

O goleiro é o único jogador que pode se deslocar para qualquer posição da quadra; é o único que pode parar ou rebater a bola com os pés (mas isso apenas na sua área), fora dela deve jogar como qualquer jogador de linha. Só será considerado gol a bola que lançada regularmente ultrapasse inteiramente a linha de gol por, dentro da baliza.

Manejo da bola

É permitido, lançar, bater, empurrar, socar, parar e pegar a bola, não importa de que maneira, com a ajuda das mãos, braços, cabeça, tronco, coxas e joelhos. É proibido, segurar a bola durante o máximo de três segundos, mesmo ela estando no chão. Fazer o máximo de três passos com a bola na mão. É proibido conduzir ou manejar a bola com os pés.

Comportamento

É permitido, para com o adversário - Utilizar os braços ou as mãos para se apoderar da bola. Tirar a bola da mão do adversário com as mãos abertas, não importa de que lado. Bloquear o caminho ao adversário com o corpo.

É proibido, arrancar a bola do adversário com uma ou duas mãos, assim como bater com o punho na bola que o mesmo tem as mãos.

Tiro de meta

O tiro de meta é ordenado nos seguintes casos: quando, antes de ultrapassar a linha de fundo, a bola tenha sido tocada por um jogador da equipe atacante ou pelo goleiro da equipe defensora, estando este dentro da sua área de gol. O

tiro de meta deve ser cobrado dentro da área do goleiro, e só ele poderá colocar a bola em jogo.

Tiro lateral

O tiro lateral é ordenado desde que a bola tenha ultrapassado totalmente a linha lateral. Ao ser cobrado o jogador deverá manter um pé sobre a linha lateral e o outro fora da quadra, caso isto seja desrespeitado o árbitro poderá ordenar nova cobrança de lateral ou aplicar reversão, dando o direito da cobrança a equipe adversária.

Tiro de 7 metros

Este tiro apenas é ordenado com a execução de uma falta grave sobre o adversário; no momento da cobrança os jogadores da defesa e ataque deverão permanecer atrás da linha de 9m. O jogador que for cobrar deverá manter um pé fixo perante a linha de 7m, não podendo evadi-la ou mover este pé.

Tiro livre

É ordenado tiro livre nos seguintes casos: entrada ou saída irregular de um jogador; mau comportamento; faltas cometidas pelos jogadores na área de gol; lançamento intencional da bola para sua área de gol; faltas do goleiro; execução ou conduta irregular nos tiros de lateral, escanteio, livre, tiro de meta e 7m; atitude antidesportiva.

Punições

Cartão amarelo (advertência)

Serve como advertência a um jogador, é usado em algumas faltas, por reclamação ou quando o jogador não deixa a bola no lugar após a marcação do árbitro.

Dois minutos

O jogador que receber esta punição deve ficar por dois minutos fora do jogo, sem direito à substituição, ou seja, seu time fica com um jogador a menos durante dois minutos, esta punição é dada a faltas violentas ou a substituições incorretas. O jogador também recebe dois minutos caso for receber o segundo

amarelo e caso o time já tenha dois amarelos, o próximo cartão será substituído por um dois minutos.

Cartão vermelho (desqualificação)

Quando um jogador recebe um cartão vermelho ele deve retirar-se da quadra, inclusive do bando de reservas e não pode mais voltar à mesma. O time fica com um jogador a menos durante dois minutos e depois desse tempo pode completar o time com outro jogador que não seja aquele que foi expulso. Um jogador não pode receber mais de três dois minutos durante uma partida, se isso acontecer ele é desqualificado do jogo, como se tivesse recebido um cartão vermelho.

5.6 Métodos de aprendizagem do handebol na escola

Os métodos de aprendizagem do handebol na escola são praticamente os mesmos do futsal, contudo em função da método comparativo e de integração que resolvemos adotar neste trabalho repetiremos aqui os elementos apresentados para o handebol desconsiderando a apresentação anterior do futsal.

Libâneo (apud TENROLLER, 2006, p.20.) afirma que “método de ensino é a ação do professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, quando utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos”.

Segundo Tenroller (2006) entendemos que método é a forma como se desenvolve a prática do ensino. Pelos métodos adotados, então, podemos esperar um determinado resultado do processo de ensino.

A seguir, serão mostrados os oito métodos que poderão ser abordados para aqueles que desenvolvem trabalhos com o esporte. **Método parcial** que para Xavier (1986), este método consiste em ensinar uma destreza motora por partes para, posteriormente, uni-las entre si. Se for adotado este método para ensinar o fundamento de passe de ombro, com apoio e direto, vejam quais as partes deste fundamento que deverão ser ensinadas: as pernas deverão ficar uma um pouco atrás da linha do quadril e a que ficar à frente deverá

ser a que for oposta à mão que irá executar o passe, o aluno deverá estar de frente ao colega que fará a recepção. A bola deverá ser recepcionada com as mãos em "concha" e os pés deverão ficar distantes um do outro mais ou menos na mesma largura dos ombros, podendo um dos pés ficar mais atrás.

Esse método trabalha exatamente os fundamentos partes por partes, tudo muito detalhado, e após trabalhar os fundamentos por partes se junta tudo ou até mesmo o atleta já vai associando um trabalho no outro. **O Método global** que segundo Tenroller (apud XAVIER, 1986), consiste em ensinar uma destreza motora apresentando o seu conjunto.

Deixando o aluno fazer o gesto de determinado fundamento sem intervenção do professor, caso aja necessidade pois o aluno não alcance o objetivo, o professor entra com as correções, após feito o trabalho dos gestos haverá o momento do jogo.

O professor repassa as atividades, os fundamentos, técnicas trabalhadas e o aluno irão fazer, mais o professor deixa que cada um faça de sua maneira demonstrando sua criatividade e capacidade, caso algum não consiga de forma alguma executar o professor intervém com correções, e depois terá o jogo. **O Método misto** que para Tenroller (apud XAVIER, 1986), este método consiste da sincronia dos métodos global-parcial-global. Primeiramente acontece a execução do gesto como um todo, quando o professor poderá identificar algum "erro" dos movimentos praticados pelo aluno; em seguida, o aluno repetirá em partes, já com a interferência do professor com o objetivo de proceder a "correções" do ou dos movimentos observados anteriormente. Finalmente, volta-se à prática completa dos movimentos.

Deste modo, a segunda parte servirá baseado no que foi observado no primeiro momento, para que o professor faça a demonstração do exercício e, assim, a partir da terceira parte, aconteça o gesto completo com a redução ou eliminação dos "erros" identificados. Trata-se de uma metodologia bastante rica sob o ponto de vista didático, com mais fatores positivos do que negativos.

O Método recreativo que segundo Tenroller (2008) Sem dúvida, este é o método, se não o mais em voga na atualidade, o mais popular adotado na iniciação ao Handebol. Muitos estudiosos o defendem em suas teorias. A adoção deste método se faz presente em todas as realidades e níveis do

Handebol. Esta é a constatação que fiz quando observei aulas e treinamentos de equipes de competições.

É possível que os elementos técnicos ou táticos, abordados de uma maneira lúdica, ou seja, recreativa, propiciarão ao docente um melhor aprendizado do desporto. Já no alto nível, tem o seu efeito "antiestressante" muito valorizado. (TENROLLER, 2008).

Na escola o método lúdico com certeza é mais utilizado e mais aceito do que nos treinos. O lúdico nos treinos tem um objetivo e já nas aulas de educação física tem outro, mais nenhum é mais ou menos importante. **O Método transfert** que conforme Tenroller (apud BAYER, 2008) método proposto por Bayer na Europa, com jogadores de Handebol. Adotando-o poderemos trabalhar mais de uma modalidade desportiva na mesma atividade, associando-se gestos técnicos destes esportes.

Segundo Bayer (1994) assim, certos autores negam a existência duma possibilidade de transfert. Os mais freqüentemente citados na literatura especializada são Lauhlé e Ryan. O primeiro assegura que "só se aprende a fazer um gesto, fazendo este gesto, e só este gesto". O segundo treinador Ryan "Enquanto psicólogo profissional, não tenho grande fé no transfert do treino. Se ensina uma disciplina desportiva, nada vale senão a própria disciplina. **O Método confrontação** que para entendermos este método, basta que haja a prática do desporto ou modalidade como um todo. Isto é, parte-se do princípio de que se aprende um desporto através do próprio jogo. (TENROLLER, 2008).

Conforme Dietrich (1998, apud TENROLLER, 2008), o método da confrontação se dá sob o lema de "jogar - jogar - jogar!" Alerta, porém, este autor para o fato de que há uma "displicência metodológica", uma vez que não se verifica um planejamento bem estruturado. Não acontece um desmembramento do jogo em elementos isolados. Devemos imaginar uma concepção simpática que preconiza ser absurdo querer dividir metodicamente um jogo esportivo, porque com esta divisão o todo deixaria de existir. Este é um método muito praticado por aqueles profissionais que estão desestimulados em suas escolas, onde não recebem a valorização que acham ter direito.

Esse método é mais visto no âmbito escolar. Citando que os professores apenas entregam uma bola e deixam os alunos jogando praticamente

durante toda a aula de Educação Física e isto em várias aulas, sem que aconteça outra metodologia de ensino (TENROLLER, 2008). **O Método séries de jogos** que a idéia, ao adotar este caminho (método), basicamente, é que "jogando, aprende-se, antes de tudo, através dos próprios jogos" (Tenroller, 2008).

Segundo Tenroller (2008) Para pô-lo em ação pode-se, por exemplo, adotar que nas séries de jogos serão feitos pequenos jogos. Sendo que em cada pequeno jogo será trabalhado um dos fundamentos técnicos do Handebol. Um jogo de cinco minutos em que deverá ser trabalhado somente o passe ou os tipos de passes; isto dependerá tanto da realidade do grupo quanto do grau de habilidade deste. Em outro, poderá ser feito o passe somente após o aluno ter feito a finta sem bola. Em outro jogo, ainda, o gol poderá ser feito somente com arremesso de ombro, ou de quadril, ou de "vaselina", quando se orientará que os goleiros joguem adiantados. No próximo, apenas passes quicados, sendo obrigatório que todos tenham recebido a bola para que aconteça o arremesso a gol. **O Método cooperação** que conforme Tenroller (2008) A noção de companheiro e adversário é básica para o ensino e o entendimento da estrutura funcional do jogo. Assim, deve-se, através deste meio, dar ênfase aos valores de cooperação entre os praticantes e, para que possa acontecer o jogo, ou a competição, devemos ter o adversário e, este deverá ser visto como um "cooperador". Caso contrário não terá como jogar contra.

Este método, assim, enfatiza o significado de jogar "com" em detrimento do jogar "contra". As duas situações são imprescindíveis no processo educacional. Acredito que este é o método com o qual o professor poderá ganhar muitos alunos ou perder muitos alunos. Para confirmar esta posição eis o que acontece, com base em fatos reais: Quando você faz parte de um grupo de amigos e este grupo joga Handebol, sistematicamente quatro vezes por mês, em uma quadra onde todos devem pagar uma taxa por jogo ou mensalmente, e, após ter trabalhado durante várias horas no dia, você se desloca para este ginásio a fim de jogar. Como você se sente ao sair deste jogo, que deveria ser para recreação ou lazer, se lá, alguém da equipe adversária ("oposição") lhe tiver dado um empurrão ou puxado o seu braço quando foi arremessar com o objetivo de machucá-lo? A resposta é, sem dúvida, de total descontentamento e desaprovação em torno deste ato (Tenroller, 2008).

6. ARTICULAÇÕES PEDAGÓGICAS ENTRE O HANDEBOL E O FUTSAL

Neste capítulo, apresentaremos as regras e fundamentos do futsal e do handebol no qual acontecerão as articulações pedagógicas entre esses dois esportes. Assim, poderemos compreender que esses dois esportes podem caminhar juntos nas aulas de educação física ministradas em sala de aula.

6.1 Comparando as regras

Podemos apresentar as regras de ambos os esportes e procurar construir um debate sobre suas semelhanças e diferenças. Pode-se usar recursos como apostilas, vídeos, etc.

Apenas como referência, apontamos algumas regras para o debate:

6.1.1 As traves

Conforme a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) as metas são colocadas no centro de cada linha de meta. Constitui-se de dois postes verticais separados por 3 metros e ligados por um travessão horizontal no qual este estará a 2 metros do solo. A largura do travessão e dos postes é de 8 centímetros no qual estes podem ser de madeira, ferro, plástico ou material similar. Essas metas devem ser de formato cilíndrico e estarem sempre presas ao solo para evitar acidentes.

Conforme a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) a baliza é colocada no meio da linha de gol devendo ser solidamente fixada ao solo medindo no seu interior 2 metros de altura e 3 de largura. Entretanto as balizas do handebol são quadradas diferentemente das do futsal.

6.1.2 A bola

Conforme a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) a bola será esférica envolta de couro macio ou de outro material aprovado sofrendo modificações de peso e tamanho de acordo com a categoria de idade dos atletas, no qual compreende a categoria adulto, sub 20, 17, 15, 13,11 e 9. Entre

essas categorias seu peso pode variar de do mínimo 400 gramas e no máximo de 440 gramas.

Segundo a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) a bola deve ser de forma redonda revestida de couro ou matéria plástica de cor uniforme não podendo apresentar aspectos lisos e brilhantes. Também há a alternância entre as categorias no qual para os homens a bola deve pesar de 425 a 475 gramas. Para as mulheres, a bola deve pesar de 325 a 400 gramas.

6.1.3 O goleiro

Conforme Tenroller (2004) o goleiro é o atleta mais importante de uma equipe de futsal. É o único jogador que pode utilizar as mãos para praticar defesas, porém, estas, devem ser feitas dentro de sua grande área. Pode ser chamado de guarda-meta, guarda-rede entre outros nomes que conhecemos.

Segundo Tenroller (2004) é o goleiro que possui a função de refletir os êxitos ou os fracassos da equipe, entretanto precisa sempre aprimorar seu treinamento como nas reposições de bola, saídas do gol. Para Tenroller (2004) o goleiro é o jogador que mais treina em uma equipe de futsal.

Conforme Tenroller (2005) um bom goleiro em uma equipe de handebol, representa 50% da performance desta mesma no jogo. O goleiro no handebol deve possuir um ótimo reflexo, uma boa elasticidade para praticar defesas consideradas difíceis.

Segundo Tenroller (2005) o goleiro faz a análise do jogo e consegue perceber na sua equipe quais são as falhas e também percebe quais são as melhores jogadas do adversário. No handebol o goleiro praticamente não tem contato físico com seus oponentes diferentemente do futsal e é considerado um jogador crucial no seu time.

6.1.4 Pedidos de tempo

Conforme a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) são concedidos às equipes que disputam à partida o direito de solicitar dois tempos técnicos, sendo um em cada período da partida, no qual a duração desse tempo equivale há 1 minuto. Esses pedidos de tempo técnico serão concedidos somente quando a bola estiver fora de jogo e a reposição for a favor da equipe

solicitante. Durante o tempo técnico, não se pode fazer alterações e se uma equipe não pediu seu tempo durante o primeiro período, este não acumula.

Segundo a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) há um pedido de tempo por cada tempo de jogo no qual é o treinador que deve pedir esse tempo ao mesário que normalmente se localiza a um de seus lados. Esses tempos duram 1 minuto e possuem a função de dar ao técnico a possibilidade de passar instruções para seus atletas de posicionamento, de ajuste de marcação, tranqüilidade no jogo entre outros. No momento do tempo técnico, os jogadores não podem sair de dentro da quadra de jogo para receber as devidas instruções se não poderão ser punidos pela arbitragem.

6.1.5 Penalidades

Conforme a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) para ser considerada uma penalidade, esta deve ser cometida por um jogador de quadra ou reserva que não tenha cumprido corretamente as regras do jogo.

Segundo a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) Essas penalidades são tiros livre direto, tiro livre indireto e a penalidade máxima no qual o tiro livre direto será concedido a favor da equipe adversária quando o jogador cometer algum ato imprudente como dar ou tentar dar pontapé no adversário, bater ou lançar uma cusparada no adversário ou companheiro de equipe, empurrar o adversário, no qual, essas faltas são acumulativas para a equipe. O tiro livre indireto será concedido em favor de uma equipe quando um jogador adversário cometer o contato físico com o goleiro ao tentar tirar a bola das mãos destes após a mesma ter sido agarrada e estar retida em suas mãos, tentar obstruir a jogada, usar expressão corporal ou vocal para tentar enganar seu adversário entre outros. A penalidade máxima será aplicada contra a equipe que cometer um tiro livre direto dentro de sua área penal quando a bola estiver em jogo.

Conforme a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) as penalidades podem ser punidas com a aplicação do cartão amarelo quando o jogador infringir persistentemente as regras do jogo, for culpado por conduta antidesportiva, falar palavrões a árbitros e demais jogadores e também a aplicação do cartão vermelho quando o jogador for culpado de ter praticado um ato

violento, praticar jogo brusco grave ou repetir uma infração que já havia tomado o cartão amarelo recebendo-o novamente e conseqüentemente o vermelho.

Conforme a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) no handebol existem as advertências no caso de conduta anti-regulamentar para com o adversário, as exclusões que são aplicadas nas repetições de infrações no comportamento para com o adversário, a desqualificação que será aplicada nas irregularidades graves na conduta para com o adversário e a expulsão que será dada em caso de agressão dentro de quadra.

6.1.6 Tempo de Jogo

Conforme a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) o tempo de duração de uma partida de futsal deve ser cronometrado e dividido em dois períodos iguais tanto no feminino como no masculino tendo um intervalo de 10 minutos de descanso entre os períodos. Para as categorias adulto, sub 20 e sub 17 serão dois tempos de 20 minutos, já na categoria sub 15 será dividido em dois tempos de 15 minutos e em categorias menores as entidades estaduais decidem o tempo de duração dos jogos. O cronômetro para toda vez que a bola não está em jogo.

Conforme a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) para as equipes com mais de 18 anos a duração do jogo é de dois períodos de 30 minutos obtendo 10 minutos de intervalo entre esses períodos. Após o intervalo as equipes fazem a troca de quadra dando procedimento ao jogo.

Segundo a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) o árbitro é quem decide quando o tempo deve ser interrompido e quando ele deve ser retomado. Se acontecer um empate ao término da partida será realizada uma prorrogação que será dividida em dois períodos de 5 minutos sem intervalo ao término do primeiro para o início do segundo período. Persistindo o empate segue-se o regulamento particular da competição em curso.

6.2 Comparando fundamentos do futsal e handebol

Conforme Tenroller (2004) os fundamentos do futsal são classificados da seguinte forma: o **passe**, que é a ação de interligar-se com os integrantes de uma equipe sendo um dos fundamentos mais técnico e mais importante no qual esse fundamento pode ser realizado com qualquer parte do corpo menos com as mãos. Entretanto no handebol segundo Tenroller (2005) o **passe** é a ação de entregar a bola a um companheiro de equipe tendo como principal objetivo dar seqüência ao jogo, esse sendo executado com as mãos obtendo o mesmo princípio do futsal, porém sendo executado de forma diferente. O **domínio** conforme Tenroller (2004) é a ação que ocorre a partir de quando se recebe a bola assim podendo ser realizados movimentos técnicos podendo dar seqüência a jogada. Segundo Tenroller (2005) no handebol a **recepção** se encaixa nesse perfil no qual é o ato de receber e controlar ou dominar a bola sendo feita com uma ou as duas mãos. Logo aparece o **chute** que conforme Tenroller (2004) é a ação de golpear a bola estando ela parada ou em movimento dando-lhe uma trajetória. Este fundamento precede o gol. No handebol segundo Tenroller (2005) o **arremesso** é o ato de impulsionar a bola em direção ao gol sendo este o fundamento que precede o gol comparando-se com o chute no futsal. Em seguida o **drible** conforme Tenroller (2004,2005) trata de uma série de movimentos que juntamente com a bola pode ou não dar seqüência a uma jogada sendo ela no futsal ou no handebol. A **finta** por sua vez conforme Tenroller (2004,2005) é uma ação de inteligência motora e cognitiva assim ludibriando o adversário com ou sem a posse da bola.

Assim, os fundamentos tanto do futsal como os do handebol possuem o mesmo significado, cada um com sua importância, mas executados de forma que se atinjam os mesmos objetivos dentro de cada modalidade. Propomos organizar as aulas abordando os fundamentos de ambas as modalidades paralelamente.

6.3 Comparando as posições dos jogadores

Conforme Tenroller (2004) as posições dos jogadores no futsal se definem no goleiro que é o único jogador que pode utilizar as mãos para praticar o jogo sem que se determine uma falta, tendo ele que possuir habilidades e reflexo incontestáveis. O fixo que também pode ser lembrado como último homem de linha sendo ele um jogador com características mais defensivas do que ofensivas que dificilmente ultrapassa a linha do meio da quadra, os alas (esquerdo e direito) que são encarregados das construções das jogadas podendo atacar e defender e o pivô que tem a função de fazer o gol, este passa a maior parte do jogo na quadra adversária.

Segundo Tenroller (2005) as posições do handebol se parecem muito com as do futsal, porém possui algumas diferenças até mesmo porque o número de jogadores no handebol é maior, sendo assim compreende o goleiro que possui sua área para poder praticar suas defesas também sendo um dos principais jogadores da equipe. O armador central pode ser considerado o mentor da equipe e tem o papel de organizar as jogadas. Os armadores direito e esquerdo (meias) que são os jogadores com maior estatura e com maior poder de arremesso responsável pela maioria das conclusões a gol, os pontas direita e esquerda que ocupam as extremidades laterais no qual são eles que geralmente iniciam as jogadas de ataque e por fim o pivô que muitos especialistas denominam como o curinga do time. Este por sua vez tem a função de abrir espaços para que seus companheiros tenham a melhor opção do arremesso. O pivô é o jogador que mais faltas recebe durante a partida.

Portanto, propomos organizar algumas aulas apresentando estas semelhanças e diferenças a partir do uso de vídeos e textos e atividades práticas nas quadras.

6.4 Atividades pedagógicas articulando o futsal e o handebol

Conforme Melhem (2004) as atividades a seguir tem como objetivo o desenvolvimento motor e a aptidão física de forma divertida e prazerosa fazendo com que o aluno perceba que o futsal e o handebol são esportes que podem ser praticados da mesma forma e na mesma brincadeira claro que cada um com sua particularidade.

Aprendizagem motora é o adquirir, o refinar, o estabilizar e aplicar prontidões motoras, ela está “embutida” no desenvolvimento global da personalidade humana e realizar-se na ligação com a aquisição de conhecimentos, com o desenvolvimento de habilidades de coordenação e de condicionamento e com aquisição de propriedades de comportamento. (MELHEM, 2004, p.29).

Pique-pega: Um aluno começa pegando os outros demais, porém o pegador usará uma bola de handebol para pegar. Ele deverá lançar a bola em outro colega para que aquele que foi tocado pela bola seja o novo pegador. Assim seguirá o jogo sucessivamente.

Depois essa mesma brincadeira será feita com a bola de borracha ou até mesmo com bolas de plástico e em vez de arremessar a bola será praticado o chute, porém este será permitido com a regra que poderá somente tocar a parte inferior do corpo. Assim podemos ver que na mesma brincadeira podemos utilizar tanto o handebol como o futsal sabendo que o objetivo da brincadeira sempre será o mesmo independentemente do esporte utilizado.

Boliche com bolas: Nessa atividade colocaremos diversos tipos de bolas como de basquete, bolas de futsal, de handebol, de tênis, bolas de meia, bolas de borracha e no primeiro momento faremos uma fila e cada aluno arremessará a bola de handebol tentando acertar as bolas que estarão posicionadas dentro da área do goleiro do futsal, handebol estimulando a pontaria e precisão. Logo após todos terem feito três lançamentos cada, passarão a fazer à mesma atividade, porém com a bola de futsal assim utilizando do chute para a execução da atividade.

Jogo dos dez passes: Nessa atividade divide-se a turma em duas equipes no qual cada equipe utilizando a brincadeira original operando a bola de handebol terá que fazer uma seqüência de dez passes não podendo repetir seguidamente o mesmo aluno assim quando completarem os dez passes irão marcar um ponto. Em seguida a posse de bola vai para a outra equipe que terá que fazer a mesma seqüência dos dez passes e assim sucessivamente. Logo após 20 minutos dessa atividade, trocaremos à bola de handebol pela a de futsal fazendo o mesmo procedimento anterior realizado, porém com os pés. Esta atividade desenvolve a coordenação motora, o domínio de bola e a percepção de espaço.

Queimada: Nessa atividade iremos utilizar a quadra de vôlei como área de jogo dividindo a turma em duas equipes em campos opostos. Inicialmente começaremos com bolas de borracha ou de plástico fazendo os arremessos no qual uma equipe tentará eliminar a outra. Logo após 20 minutos de atividade faremos a mesma, porém utilizando o chute como ferramenta da queimada. Podemos também utilizar as duas formas no mesmo momento no qual uma equipe utilizará a bola de handebol fazendo o arremesso e a outra equipe utilizará a bola de futsal mesclando assim a brincadeira.

Corrida algemada: Nessa atividade dividimos a turma de alunos em duplas de preferência um menino e uma menina. A dupla deverá dar as mãos e em hipótese alguma essas deverão ser largadas. Serão feitos dois times no qual será feito o jogo de handebol em duplas. No primeiro momento o menino terá a função de organizar as jogadas praticando somente ele o passe. A menina fica responsável pelo arremesso. Logo após 15 minutos jogados as funções se alternam fazendo com que a menina pratique o passe e o menino o arremesso. Lembrando que essa brincadeira acontece o tempo todo com as mãos dadas. Depois de realizada a atividade em forma de handebol, faremos igualmente com o futsal dando ênfase ao domínio de bola, passe e o chute. Essa atividade desenvolve a coordenação motora entre os colegas e visa o aperfeiçoamento dos fundamentos do handebol e do futsal.

6.5 O debate da mídia: a cobertura da mídia no futsal e no handebol

Como vem se tornando freqüente no ambiente pedagógico o debate sobre a mídia é possibilidade rica de intervenções e reflexões. Portanto pretende-se organizar um debate com os alunos sobre a cobertura da mídia sobre o futsal e o handebol. Neste sentido elaboramos algumas reflexões. Hoje o Brasil é considerado o país do **futsal** tanto quanto o futebol, principalmente em relação à prática desse esporte. Alguns fatores contribuem para a prática do futsal no Brasil como muitas quadras públicas ou particulares que encontramos espalhadas pelo Brasil tendo ainda a grande ajuda das escolas, universidades que adotam o futsal como um dos conteúdos das aulas de Educação Física. O Brasil é uma grande potência no futsal mundial demonstrado através dos títulos adquiridos. Nosso país contribuiu e contribui muito para a evolução dessa modalidade fazendo parte de mais de 130 países que hoje se encontram filiados a FIFA que detêm o futsal sob seu domínio desde a década de 1980. Com todos esses aspectos positivos, o futsal começa a se propagar pelo mundo de forma rápida e eficiente, fazendo com que quando aconteça um campeonato importante, este, seja transmitido diretamente para os telespectadores acompanharem o show apresentado pelos jogadores de suas respectivas seleções.

Os campeonatos locais ainda não recebem muito apoio da mídia por possuírem baixa renda ou até mesmo porque a própria mídia pensa que não é cabível investir em um esporte de quadra que derrepente não traga o mesmo fluxo de pessoas como o futebol, fórmula 01 etc.

A verdade é que, mesmo sendo um esporte que somos verdadeiramente campeões ainda falta muita organização para que o futsal consiga seu lugar fixo na televisão brasileira.

O **handebol** por sua vez, é ainda menos lembrado pela mídia por não ser também fonte de renda sendo que os clubes não conseguem patrocinadores para a realização de bons campeonatos fazendo com que esse esporte fique relativamente esquecido pelo povo brasileiro. É um esporte que tem um nível técnico muito elevado principalmente na Europa que já tem um pouco mais de influencia nesse esporte tão rico e bonito de se praticar e observar. Uma curiosidade é que embora esse esporte seja praticado por milhares de

peessoas aqui no Brasil, a equipe brasileira nunca conseguiu ganhar a medalha olímpica e nem o título mundial. Finalizando, o handebol no Brasil precisa começar a desenvolver projetos de preparação para jovens, no qual estes possam adquirir um treinamento progressivo e possam a vir representar nosso país fazendo com que esse esporte cresça ao máximo para que um dia esteja brigando pela primeira posição juntamente com o futsal.

CONCLUSÃO

De acordo com a pesquisa bibliográfica realizada sobre o handebol e o futsal, conclui-se que ambos os esportes necessitam de alguns requisitos para serem praticados e também necessitam de conhecimentos que devem ser estudados e aprendidos por seus praticantes. Cabe ao professor ensinar as regras, fundamentos, táticas e demais quesitos que compreendem esses esportes.

Essa pesquisa teve como objetivo geral, verificar que possibilidades pedagógicas e em que nível de conhecimento podemos atingir a interação handebol/futsal e seguidamente, identificar como está o conhecimento do handebol e do futsal, desenvolvendo diferentes métodos de aprendizagem e proporcionando a interação dos mesmos.

As questões acima citadas foram devidamente entendidas e compreendidas de maneira que o conhecimento do handebol e do futsal nas escolas vem cada dia mais convincente de que são esportes de extrema importância na sua prática coletiva ocorrendo sim à interação desses mesmos, utilizando-os tanto na parte teórica como prática.

Podemos perceber que o handebol e o futsal seguem um caminho muito parecido desde sua história até suas regras, fundamentos, diferenciados apenas por um único motivo, no qual o handebol é jogado com as mãos e o futsal é jogado com os pés. Mas ambos possuem fundamentos iguais, regras parecidas, métodos de aprendizagem que os dois esportes utilizam como arma para o aprendizado escolar.

Para podermos tomar conhecimento de como esses dois esportes são extremamente parecidos, ambos utilizam o mesmo espaço, as mesmas balizas sendo que uma é quadrada e a outra é redonda, porém de mesma medida. A bola é de formato circular, ambos possuem cartões para as penalidades, seus fundamentos de certa forma recebem o mesmo nome entre outras características convincentes de que os dois esportes podem ser articulados.

As articulações pedagógicas podem ser realizadas através de atividades que façam acontecer à interação entre o handebol e o futsal utilizando simples brincadeiras no qual cada um desses esportes citados trabalhe seus fundamentos de acordo com cada brincadeira realizada. Essas brincadeiras podem

ser realizadas em um pequeno espaço de tempo no qual uma parte desse tempo é destinada ao handebol, e a outra parte destinada ao futsal fazendo neste momento a comparação dos fundamentos e observando que realmente são dois esportes que possuem a mesma lógica que é a busca do gol utilizando os mesmos fundamentos que são a finta, o drible, o passe entre outros e regidos de regras que se não forem cumpridas geram punições e consequentemente prejudicam na partida, brincadeira.

A mídia por sua vez deixa muito a desejar com relação a esses dois esportes produzindo pouco material de divulgação e não dando muita importância a esportes que possuem uma técnica muito elevada. O handebol no Brasil vem conquistando muito espaço e se a mídia investisse um pouco mais, esse processo poderia acontecer com muito mais rapidez e perfeição.

Conclui-se também, que a responsabilidade dessas articulações pedagógicas cabe ao professor.

Esta pesquisa bibliográfica teve como objetivo a interação do handebol e o futsal articulando-os pedagogicamente e consequentemente partiremos para uma pesquisa de campo para analisarmos como funcionam essas atividades propostas que na prática se desenvolvem com extrema facilidade e autonomia.

Deveremos seguir a pesquisa nessa mesma linha colocando em prática as atividades sugeridas e descritas nessa pesquisa bibliográfica.

REFERÊNCIAS

APOLO, Alexandre. **Manual Técnico Didático de Futsal**. São Paulo: Scorteci, 1995.

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

CANFIELD, I. M. **Aprendizagem Motora**. Santa Maria: Gráfica da UFSM, 1981.

CBHb, **Confederação Brasileira de Handebol** – www.cbhb.com.br

CBFS, **Confederação Brasileira de Futebol de Salão** – www.cbfs.com.br

COURTINE, J.-J. “**Os stakhanovistas do narcisismo**”. In: SANT’ANNA, D.B. de (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, pp. 81-114.

DARIDO, S.C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Araras – SP: Topázio, 1999.

DIETRICH, Knut. **Os Grandes jogos: Metodologia e Prática**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.

GHIRALDELLI Jr **Educação física progressista – A pedagogia crítico social dos conteúdos e a educação física brasileira**, - Edições Loyola, São Paulo, 1988.

GIL, J. **Monstros**. Lisboa: Quetzal, 1994.

GONÇALVES, Maria Augusta S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. São Paulo: Papyrus, 1997.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Handebol: Agôn: o espírito do esporte**. São Paulo:

Odysseus, 2009.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático-pedagógica do Esporte**. Ijuí, 1994.

MELHEM, Alfredo. **Brincando e aprendendo handebol**. Alfredo Melhem. – Rio de Janeiro: 2 edição – Sprint, 2004.

MUSSALEM, Paulo Cezar. **Futebol de Salão: Físico-técnico-tático**. Rio de Janeiro: SS Artes Gráficas, 1978.

SIMÕES, Antônio Carlos. **HANDEBOL DEFENSIVO: conceitos técnicos e táticos**. São Paulo, Phorte, 2002.

TEIXEIRA, Júnior Jober. **Futsal 2000: o Esporte do Novo Milênio**. Porto Alegre: edição do autor, 1996.

TENROLLER, Carlos Alberto. **Futsal: ensino e prática**. / Carlos Alberto Tenroller. – Canoas:Ed. ULBRA, 2004.

TENROLLER, Carlos Alberto. **Handebol: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

TENROLLER, Carlos Alberto. **Handebol: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

VIEIRA, César. **Curso para Treinadores de Futebol de Salão**. Ceará: CBFS, 1987.

VOSER, Rogerio da Cunha. **A Pedagogia no Futsal: Principios Técnicos e Táticos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

VOSER, Rogério da Cunha. **O futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica** / Rogério da Cunha Voser e João Gilberto Giusti. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

XAVIER, Telmo Pagana. **Métodos de Ensino em Educação Física**. São Paulo: Manole, 1986.

ZACOUTEGUY, Roberto. **Polígrafo de Futebol de Salão**. Porto Alegre: FGFS, s/d.

ZILLIS, Alexandre. **Polígrafo de Futebol de Salão**. Porto Alegre: Ufrgs, 1987.